

A CONSTITUIÇÃO DE APARATO CRÍTICO EM TEXTOS LITERÁRIOS DE TRADIÇÃO IMPRESSA

Fabiana da Costa Ferraz Patueli Lima (UFF)

fabianapatueli@gmail.com.br

RESUMO

O aparato crítico em edições críticas ou genéticas de textos literários é sempre um desafio editorial e por isso é relegado frequentemente às margens de tais edições ou consecutivamente à própria obra. Mas, não é por isso que deixa de ser um dos objetivos prementes de tais edições filológicas. Assim, a proposta do presente é discorrer sobre os exemplos de aparatos críticos de obras de tradição impressa que possam demonstrar as variações e/ou revisões identificadas na obra cotejada. Isto porque se entende que cada texto possui suas peculiaridades quanto à tradição de seus testemunhos que vão interferir nas fases de composição da edição crítica (recensão, colação, estemática) ou genética e, com isso, na constituição do seu aparato crítico e apresentação textual. Desta maneira, pretende-se com a exposição dos tipos de edições críticas e genéticas exemplificar algumas metodologias de apresentação de seus aparatos críticos.

Palavras-chave:

Aparato crítico. Crítica Genética. Crítica Textual.

ABSTRACT

The critical apparatus in critical or genetic editions of literary texts is always an editorial challenge and that is why it is often relegated to the margins of such editions or consecutively to the work itself. But that is not why it ceases to be one of the pressing objectives of such philological editions. Thus, the present proposal is to discuss the examples of critical apparatus of works of printed tradition that can effectively demonstrate the variations and/or revisions identified in the collated work. This is because it is understood that each text has its peculiarities regarding the tradition of its testimonies that will interfere in the phases of composition of the critical edition (review, collation, aesthetics) or genetics and, with that, in the constitution of its critical apparatus and textual presentation. In this way, it is intended, with the exposition of the types of editions and their critical apparatus, to exemplify some methodologies for presenting critical apparatus.

Keywords:

Critical apparatus. Genetic Criticism. Textual Criticism.

1. Introdução

Desde a tradição manuscrita, os textos eram passados adiante com reduções ou incorporações de elementos distintos a seu exemplar original, seja por vontade ou por entendimentos alheios do copista ou da es-

criptoria do qual era integrante. A própria ação do tempo sobre o suporte textual e a matéria de escrita, além do distanciamento linguístico entre obra e o copista, teve sua pegada registrada nas composições textuais que são ainda hoje um desafio para o filólogo ou o crítico textual.

Esse desencontro textual apurado pelo crítico textual também é concernente aos textos escritos de tradição impressa, pois também sofrem com os mesmos problemas já anotados quanto aos textos manuscritos. Atentando ainda que à tradição impressa em geral é atribuída uma falsa sensação de estabilidade do texto.

Assim, é função do crítico textual ir além da aparente estabilidade do texto impresso, isto é, investigar a sua tradição, identificar as relações entre os diferentes testemunhos, selecionar o modelo mais adequado para a sua fixação; a fim de editar um texto que melhor comunique a forma originária ou a vontade autoral com o intuito de resgatá-lo ou resguardá-lo do esquecimento.

Para tanto, há diferentes recursos editoriais que podem ser empregados aos textos, que devem se adequar a realidade de um texto escrito, isto quer dizer que levem em conta na sua tradição, os testemunhos que foram possíveis de serem identificados e suas relações, quando for o caso.

Logo, podemos fazer uso dos seguintes tipos de edições, sobretudo para os textos que possuem apenas um testemunho, segundo Cambraia (2005): fac-similar (reprodução mecânica do texto), diplomática (reprodução pelo crítico texto de todos os elementos), semidiplomática ou paleográfica (reprodução dos elementos com a certo grau de intervenção do crítico textual, a fim de auxiliar o leitor à legibilidade do texto).

Estas edições não só servem aos testemunhos textuais de único modelo, como auxiliam aos estudos genéticos, que muitas das vezes optam para uma edição fac-similar ou diplomática, tendo em vista que o seu objetivo é explorar o labor autoral na fase primária de composição.

E no caso das edições com mais de um testemunho, além dos tipos já mencionados de apresentação textual, podemos ter a edição crítica ou genética que trará coligidos e estruturados os testemunhos identificados na recensão. São nessas etapas que toda a tradição de uma obra textual será identificada, coletada, hierarquizada para aferição de um modelo sobre o qual incidirão o rol de variantes ou de revisões textuais distinguíveis.

Substancialmente, a edição crítica genética de tradição impressa cuidará tanto dos textos que foram impressos como de suas versões primárias, ou seja, os seus rascunhos (manuscrito; datiloscrito; versão das provas, impressas ou não).

O estudo sobre as versões primárias pode nos fornecer dados preciosos não só sobre o processo de criação autoral como podem desvelar o que pode ter sido perdido entre essa fase e o da publicação.

E, ainda, observa-se que a atualização gramatical tanto nas edições semidiplomáticas quanto nas edições críticas devem seguir aos objetivos da edição, isto porque as condições linguísticas de um texto que podem ser consideradas, por um lado, como elemento distanciador do público leitor a que se pretende alcançar com a edição; por outro lado, pode ser valioso e contextualizador para um público mais especializado. Assim, para satisfazer ambos lados se poderá ter diferentes edições de um mesmo texto.

De qualquer forma, a rigor, busca-se em qualquer um dos tipos de edição tecer considerações sobre a história do texto, sua tradição e as opções metodológicas da elaboração da edição, pois, o trabalho do crítico textual não é permanente ou estático e pode ser refeito. Isto se deve ao fato que a edição atribuída ao um texto, com o objetivo de seu estabelecimento na tradição escrita, seja para resgatá-lo ou resguardá-lo, pode ser complementada com outros tipos de edição, ou ainda pode precisar de revisão por conta do surgimento de novos testemunhos ou novas perspectivas metodológicas que melhor a recomponham no cenário científico-cultural em voga.

Logo, percebe-se que a forma que lidamos com o texto contribui muito para como o editamos e o preservamos ao longo do tempo. Por isso, é muito mais comum que textos históricos e literários sejam objetos de edições filológicas ou críticas, tendo em vista poucos recursos humanos e financeiros empregados para tal tarefa. Embora, devido à importância da ciência, a atividade de elaboração de edições crítica devesse ser incentivada mais frequentemente às produções editoriais no país.

2. O aparato crítico de edições críticas

O aparato crítico é pertinente em edições politestemunhais, já que apresentam variações entre si, que frequentemente é acompanhada do texto crítico que é o modelo reconstituído pelo crítico no momento de

sua elaboração, a fim de fixar a forma textual que seja inteligível para o público leitor ao mesmo tempo que busca atingir a melhor expressão da vontade de composição autoral.

É no aparato crítico em que se espera encontrar os registros dos diferentes testemunhos sobre um texto para que possamos entender os movimentos de alteração e revisionistas que foram realizados ao longo do tempo. Lembrando que as alterações podem ter ocorrido acidental ou intencionalmente e as revisões podem ser autorais ou de terceiros.

Por isso, a constituição do aparato crítico é tão importante, muito embora a sua localização espacial na edição não lhe favorece o destaque, já que frequentemente é posto ao final ou às margens da página de uma edição crítica. Da mesma forma, também se apresentam os comentários editoriais específicos sobre as variantes, ou de ordem cultural e eventuais traduções. E ao centro, especialmente editado, encontrar-se-á o texto crítico, cuidadosamente restituído a partir do texto base.

Classificam-se a apresentação dos dados dos aparatos críticos como positivo e negativo, sendo o primeiro aquele que apresentam todas as variantes identificadas, independentemente se foram adotadas; e o segundo modo, mais frequentemente adotado, apenas registra as variantes não adotadas ao texto base. Os manuais, usualmente, recomendam a seguinte estrutura básica de apresentação, tendo em vista Cambraia (2005): um localizador espacial, normalmente numérico, o lema variante do texto crítico, um separador e, depois, põe-se a sigla identificadora dos testemunhos das variantes não adotadas que virão igualmente entre separados.

Todavia, há formas diferentes de apresentação dos aparatos críticos, constituídas em razão da necessidade de apresentação do texto crítico e das variantes de uma edição ou edições, no caso de coleções editoriais que preparam edições críticas de diferentes obras literárias. Além disso, podem vir imediatamente antes ou após o aparato observações ao texto ou culturais pontualmente realizada pelo crítico textual.

2.1. Exemplos de composição de aparatos críticos em edições críticas

Trataremos a seguir de algumas edições críticas para exemplificar formas de composição de aparatos críticos de textos de tradição impressa, identificando a descrição geral dos testemunhos eleitos e a metodologia de apresentação dos seus respectivos aparatos críticos.

A) Edição crítica de “Memórias de um sargento de milícias”, de Manoel Antônio de Almeida, que foi organizada por Cecília de Lara (1978), aonde se constatou as seguintes redações públicas em vida do autor: 1ª redação pública: publicação em periódico “Pacotilha”, do cap. I ao XLVIII (27 jun. 1852-31 jul. 1853); 2ª redação pública: em livro em 2 volumes, tomo I com 23 capítulos (1854) e II com 25 capítulos (1855).

Nesta edição se optou pela numeração crescente das linhas do texto crítico, reiniciada em cada novo capítulo com grupos de 5 linhas cada, com a transcrição das variantes ao final, em lista própria “Variantes e comentários”. E para a identificação da primeira edição que foi publicada em folhetim, chamou-se de “F”. Assim, após o romance estão dispostos por capítulo, número de página e numeração da linha, a letra que identifica a primeira edição (F) e a variação anotada, conforme o recorte realiza-do abaixo:

Capítulo II
PRIMEIROS INFORTÚNIOS

Passemos por algo sobre os anos que decorreram desde o nascimento/ e batizado do nosso memorando, e vamos encontrá-lo já na idade de sete/⁸anos. Digamos unicamente que durante todo este tempo o menino não/ desmentiu aquilo que anunciara desde que nasceu: atormentava a vizinhan-ça com um choro sempre em oitava alta; era colérico; tinha ojeriza parti-/cular à madrinha, a quem não podei encarar, e era estranhão ate não/ poder mais. (LARA, 1978, p. 9)

As variantes estão na seção “Variantes e comentários” como a seguir (Cf. LARA, 1978):

- Capítulo II
página 9
3. F. que decorrerã[o] desde.
 4. F. de 7 anos Digamos. (Faltou o ponto final)
 5. F. tempo [o] menino.
 5. F. menino nunca desmentiu.
 6. F. anunciar [a] desde que nasceu.
 6. F. vizinhança co[m] um choro.
 7. F. tinha zanga particular da madrinha
 9. F. mais. Logo que (Não abre parágrafo) (LARA, 1978, p. 213)

Observa-se que desta maneira o leitor pode ler o texto do romance sem a preocupação com as anotações críticas, que podem ser consultadas separadamente.

⁸ Precedendo ao vocábulo “anos” está inscrito, à esquerda da edição crítica, o número “5”, que indica a quantidade de linhas de cinco em cinco disposto ao texto crítico a cada capítulo.

B) Edição crítica de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, que foi organizada por Maximiano de Carvalho e Silva que considerou a edição de 1899 para a composição do texto crítico e a publicação do conto “Um agregado” no jornal República, em 15 de novembro de 1896, para a composição dos capítulos III-V e VII, tendo em vista a adoção do romance de várias de suas passagens. Também foi identificada 2ª edição do romance, publicada em 1900, mas que não foi revista pelo autor, tendo em vista os seus numerosos erros tipográficos.

Nesta edição crítica também o aparato é apresentado após o texto crítico, disposto por capítulo e com a identificação numérica do parágrafo, respeitando o grupo de cinco parágrafos. Neste caso, o crítico textual enumerou os parágrafos do texto, excetuando-se o título e subtítulos do romance em cada grupo de cinco parágrafos. Logo, ao consultar o “cotejo de textos”, estarão identificados entre colchetes o capítulo em algarismo romano, como está no romance, e a numeração dos parágrafos com número cardinal. Assim, segue o capítulo IV do texto crítico do romance “Dom Casmurro”, estabelecido na edição crítica de Silva (2014):

IV

UM DEVER AMARÍSSIMO!

José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, servir a prolongar as frases. Levantou-se para ir buscar o gamão, que estava no interior da casa. Cusi-me muito à parede, e vi-o passar com as suas calças brancas engomadas, presilhas, rodaque e gravata de mola. Foi dos últimos que usaram presilhas no Rio de Janeiro, e talvez neste mundo. Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um aro de aço por dentro, imobilizava-lhe o pescoço; era então moda. O rodaque de chita, veste caseira e leve, parecia nele uma casaca de cerimônia. Era magro, chupado, com um princípio de calva; teria os seus cinquenta e cinco anos. Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não aquele vagar arrastado dos preguiçosos, mas um vagar calculado e deduzido, um silogismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão. Um dever amaríssimo! (SILVA, 2014, p. 50)

Em relação ao trecho acima, na seção “Cotejo de textos”, da edição crítica, segue as anotações de Silva (2014):

IV – UM DEVER AMARÍSSIMO!

[Cap. IV, 1] José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, servir a prolongar as frases. Levantou-se para ir buscar o gamão, que estava no interior da casa. Cusi-me muito à parede, e vi-o passar com as suas calças brancas engomadas, presilhas, rodaque e gravata de mola. Foi dos últimos que usaram presilhas no Rio de Janeiro, e talvez neste mundo. Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um aro de

aço por dentro, imobilizava-lhe o pescoço; era então moda. O rodaque de chita, veste caseira e leve, parecia nele uma casaca de cerimônia. Era magro, chupado, com um princípio de calva; teria os seus cinquenta e cinco anos. Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não aquele vagar arrastado dos preguiçosos, mas um vagar calculado e deduzido, um silogismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão. Um dever amaríssimo!

[§24] José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, serviam a esticar as frases.

José Dias caminhou para a porta com as suas calças brancas e engomadas, presilhas, rodaque e gravata da moda. Foi dos últimos que usaram presilhas no Rio de Janeiro, e talvez neste mundo. Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um aro de aço por dentro, imobilizava-lhe o pescoço. Juntai a isso um passo vagaroso, não do vagar arrastado dos preguiçosos, mas daquele outro vagar solene, calculado e deduzido, um silogismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão, e teréis a pessoa do nosso agregado. Um dever amaríssimo! (SILVA, 2014, p. 241-2)

Esta edição conta ainda com um glossário de vocábulos em desuso, históricas, geográficas e culturais.

C) Edição crítica de “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, de Lima Barreto, que foi organizada por Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo e Ceila Maria Ferreira (2017): 1ª redação pública, publicada parcialmente na revista *Floreal* (Rio de Janeiro, 1907); 2ª redação pública, 1ª edição em livro (Lisboa, 1909); 3ª redação pública, 2ª edição em livro (Rio de Janeiro, 1917).

Das três edições foi escolhida a terceira, publicada em vida do autor, como sendo o modelo para o texto crítico cuja grafia foi atualizada, permanecendo apenas as marcas linguísticas e outros condicionantes identificados pelas organizadoras do volume.

A apresentação do aparato escolhido foi ao pé de página em ordem de ocorrência da variação. Ou seja, a cada ocorrência foi inserido uma nota de rodapé sobre o qual há a descrição ou a inserção da variante encontrada. Para ilustrar segue a reprodução de trecho do romance e como estão dispostas as notas:

Li-o a primeira vez com ódio, tive desejos de rasgar as páginas e escrever algumas verrinas¹⁵ contra o autor.

Considerarei melhor e vi que verrinas nada adiantam, não destroem; se, acaso, conseguem afugentar, magoar o adversário, os argumentos deste ficam vivos, de pé.

O melhor, pensei¹⁶, seria opor argumentos a argumentos,¹⁷ pois se uns não destruísssem os outros, ficariam ambos face a face, à mão de adeptos de um e de outro partido.

15. No texto-base: “alguma verrinas”.

16. Na edição *Floreal*: “O melhor, pensei eu”.

17. No texto-base, a vírgula está um pouco apagada. (FIGUEIREDO; FERREIRA, 2017, p. 127)

Nesta edição também há um glossário com vocabulário do romance e uma lista de vocábulos que foram atualizados, conforme as páginas em que o texto crítico do romance foi estabelecido.

Com os exemplos descritos esperamos a apreensão das diferentes maneiras de representar as variantes, que embora possam mudar conforme o projeto metodológico da edição, conserva em si o objetivo de traçar as variações do objeto diante de um *corpus* determinado.

A leitura de edições críticas serve de guia para a compreensão de que os textos, mesmo os impressos, não são estáticos e necessitam de revisões para que o mesmo possa ser estabelecido e fixado com menos omissões possíveis; o que só exequível a partir dos estudos sobre a tradição do texto, sua forma e a sua apresentação adequada.

3. O aparato crítico de edições crítico-genéticas

As edições genéticas de obras textuais de tradição impressa são baseadas em manuscritos, datiloscritos e digitoscritos, considerados como as fases primárias da composição de um texto, incluindo as suas provas. Assim, para apresentação de tais edições se utilizam frequentemente os tipos mecânicos fac-símile, diplomática e semidiplomática na preparação do texto. Nesta fase da redação, busca-se salientar o processo de escrita de composição, as variações aqui podem ser tratadas como revisões.

Para ilustrar as obras de cunho genéticos, citamos *Objeto gritante: Um manuscrito de Clarice Lispector* (2016), de Ana Cláudia Abrantes, que traz a lume uma das fases de composição do livro “Água viva”, de Clarice Lispector, que foi publicado em 1973, a fim de assinalar os caminhos revisionistas da autora. Já que o manuscrito “Objeto gritante” se trata de um datiloscrito com comentários e revisões autorais composto provavelmente a partir da década de 1970.

Os trabalhos críticos realizados sobre o espólio intelectual e literário de Eulálio Motta, interessados sobretudo na publicização do legado do autor, são exemplos de formas de apresentação do texto por meio da mídia informatizada em que o leitor pode ler o texto em fac-símile, por

meio de uma transcrição diplomática ou semidiplomática e modelo de texto apresentado com chaves de *hiperlinks* para notas culturais ou linguísticas, em uma hiperedição que contempla no espaço digital todas essas combinações de edições.⁹

O formato não comparativo em relação ao demais testemunhos de um mesmo texto do autor Eulálio Motta, neste caso, não afastam a sua relevância para a fixação do texto no decurso do tempo e por isso, é um exemplo de esforço filológico na conservação do patrimônio cultural do país.

Diferentemente, as edições crítico-genéticas buscam aliar à edição crítica, contemplando todas as fases que lhes são atinentes: de triagem de testemunhos e de suas associações editoriais, de eleição do texto base e de cotejo com os demais testemunhos encontrados na tradição de uma obra textual; às revisões proporcionadas pelas fases primárias de composição de um texto. Desta maneira, neste tipo de edição é demonstrado junto às variações encontradas na sua transmissão impressa as revisões realizadas pelo autor ou por terceiros.

Castro (2001) propõe orientações gerais para a constituição do aparato em razão do qual devem-se contemplados: a composição (apresentar minúcias acerca do autógrafo, revisões dispostas cronologicamente), a localização (ao final da edição, subjacente ao texto crítico ou transcrito, ou se assume como parte da transcrição diplomático-genética), a redação (das revisões de forma curta que podem recorrer a símbolos) e a tipologia composição figurativa, aparato descritivo, aparato formalizado). Algumas dessas características poderão ser reconhecidas nos trabalhos que será exemplificado a seguir.

3.1. Exemplos de composição de aparatos críticos em edições críticas genéticas

Indicaremos a seguir de algumas edições ou estudos crítico-genéticas e seus aparatos em relação à tradição impressa, identificando a descrição geral dos testemunhos eleitos e a metodologia de apresentação dos seus respectivos aparatos críticos para ilustração de formas de apresentação deste tipo de edição.

⁹ Vide o *site* dedicado ao trabalho crítico sobre a história e obras de Eulálio Motta. Disponível em: <http://www.eulaliomotta.uefs.br/>. Acesso em: out. 2021.

A) Edição crítico-genética de “As três Marias”, de Rachel de Queiroz, que foi organizada por Mendes (1998) e possui identificado os seguintes testemunhos que foram cotejados, com descrição material e ampla caracterização espacial das revisões encontradas nos rascunhos autorais, observando-se que as edições apontadas foram publicadas pela editora José Olympio: Manuscrito A – manuscrito datado por 19 de fevereiro de 1937; Manuscrito B – datiloscrito, datado de 7 de janeiro de 1939; Manuscrito C – versão enviada à editora desaparecida, que se estima ser semelhante à edição príncipe; 1ª redação pública – D (1939); 2ª redação pública – E (1943); 3ª redação pública – F (1956) (texto base para o texto crítico); 4ª redação pública – G (1960, sem revisão autoral).

Para o texto crítico, foi escolhido a terceira redação pública, por ter sido a última revista pela autora, que foi cotejada aos demais testemunhos. A identificação no aparato crítico, disposto à direita do texto crítico, deu-se por A e B para os manuscritos, e por D e E para as duas primeiras edições, respectivamente. Optou-se pela numeração dos parágrafos em relação ao texto base, reiniciada a cada nova capítulo do romance.

Para a demonstração das rasuras foram empregados sinais ao aparato genético, a fim de melhor representar as emendas, adições e exclusões realizadas no testemunho autógrafa e datiloscrito. Os sinais empregados ao trecho abaixo foram: # sem espaço parágrafo; <> supressão de elementos; [] acréscimo de elementos; ← margem esquerda; ↑ entrelinha superior; o espaço vazio significa elementos ilegíveis; () indicação de elementos da edição que foi substituído pelos subjacentes. Quanto ao exemplo a seguir, observa-se que na edição crítica o aparato está à margem direito do texto crítico:

I

[...]

4. Papai, comovido e pálido, fora embora. Madrinha fora embora. O parlatório, onde eu esperava, estava àquela hora vazio e silencioso; ouvia-se apenas, através dos corredores, como ruído abafado de mar distante.

msA: # O colegio enorme A2: <> [estava como morto. Só um] A: ruído abafado de mar distante que vinha ressoando pelos corredores.

msB: B2: [←Madrinha fora embora. Papai fôraembora.]<Naquela hora o colegio enorme estava como morto.> [↑O parlatorio./ vazio:] <vinha> [↑ouvia-se] B: apenas (B): <um ruído abafado de ma>B: [através dos corredores, um ruído]

D: Papai comovido e pálido fôra (MENDES, 1998, p. 85)

B) Edição crítico-genética do conto “A linha reta e linha curva”, escrita no princípio como peça em dois atos “As forcas caudinas”, de Machado de Assis, que foi organizada por Silva (2003) contemplou os

seguintes testemunhos, distribuídos com a indicação dos dois títulos empregados:

- “As forcas caudinas”: Manuscrito A – sendo considerada três as fases de sua escrita (A, texto concluído; A1, a revisão autoral; A2, revisão de terceiro); redações públicas em G (em *Contos sem data*, [20--]) e H (*Teatro completo*, 1982);
- “A linha reta e linha curva” publicado no *Jornal das Famílias*, out. 1865 - jan. 1866, B (1ª redação pública) e no volume *Contos Fluminenses: C* (2ª redação pública, editora B. L. Garnier, 1970); 3ª redação pública D (1899), E (reimpressão de D em 1899); F (edição crítica, 1ª ed., 1975).

Diante de tantos testemunhos, optou-se que o texto crítico seria baseado na primeira publicação que saiu no volume “Contos fluminenses” (1870) e não na última redação pública em vida do autor (1899), tendo em vista a quantidade de erros tipográficos identificados que sugere não ter havido correção de provas pelo autor.

Na edição crítico-genética em relação ao texto crítico impresso, ao centro da mancha tipográfica, os aparatos críticos foram divididos e posicionados: à esquerda, as revisões do manuscrito; à direita, as variantes editoriais; e na parte inferior os comentários do crítico textual. A pesquisadora também utilizou os seguintes símbolos para a anotação de operações de escritura do autor Machado de Assis.

Seguem abaixo um exemplo da edição citada:

III

[...]

- Dizer-lhe o que senti quando apanhei esta carta, é impossível. Nunca tremi na minha vida! Mas quando li isto, não sei que vertigem se apoderou de mim. Ando tonto! A cada passo como desmaio... Ah!
- Ânimo! disse Adelaide. (SILVA, 2003, p. 86)

Estando à direita e à esquerda, respectivamente, os seguintes aparatos críticos:

- F: Ah!.../ — Ânimo
- ms: Dizer-lhe
- ms: carta é
- ms: tremi nem mesmo na Criméia, e olhe que estava feio! Mas
- ms: isto não
- ms: mim. Fez-me o efeito de um Ukase de destêrro para a Siberia. Ah! aSiberia é um paraíso à vista de Petropolis neste momento. Ando
- ms: Ah!.../ Margarida/ Animo!

E não é só isso; na mesma edição, “As forcas caudinas” também teve a sua publicação fac-similada e o seu texto estabelecido, de forma alternada. Ao texto transcrito foram-lhe reproduzidas as supressões, as

substituições e as adições, por exemplo; além do registro, à direita, de revisões e variantes identificadas durante a colação.

C) Edição crítico-genética de “O Almada”, de Machado de Assis, que foi organizada por Flávia Barretto Corrêa Catita (2019), incluindo a apresentação do fac-símile do poema (manuscrito, 1901) e sua transcrição diplomática.

Logo, a apresentação da impressão do fôlio do poema fac-similado e sua transcrição diplomática logo em seguida, incluindo as operações de revisão identificadas ao texto e comentários sobre a materialidade à direita da transcrição, a fim de melhor representar o percurso de elaboração do manuscrito e de forma a complementar a edição crítica realizada pela Comissão Machado de Assis acerca do volume “Poesias completas”, de Machado de Assis. Um exemplo de transcrição do manuscrito seria em respeito à imagem do fac-símile de nº 191, em que há ainda na lateral informações sobre a cor da tinta (azul) e tipo de papel (Smith & Meynier Fiume):

Nota (Canto II)

Para o baço espraíar do grande Almada ... pag.
Espraíar o baço é tradução de épanouir la
rate, não *hu/milha*, mas de Filinto Elysio, que assim
se exprime n'uma nota: : A

Mas, observa-se que o poema tem sua elaboração e transmissão complexa, pois seus fragmentos foram publicados nos seguintes poemas, conforme Catita (2019, p. 28): “A assuada” (em *Revista Brasileira*, 15 out. 1879), “Trecho de um poema inédito” (em *A Estação*, 15 ago.1885), “Velho fragmento” (em *Poesias completas*, 1901) e, finalmente, a versão mais completa, intitulada “O Almada” (em “Outras relíquias”, 1910); por isso ao longo do trabalho crítico, a pesquisadora identifica as relações internas entre as respectivas obras. Como por exemplo, remarca que na publicação de “A assuada” o seguinte trecho do conto II:

Era alta e fina, senhoril e bela.
Olhos, tinha-os da cor incerta e vaga
Que não é puro azul nem branco puro,
Antes combinação de ambas as cores.
Delicada e sutil. Nunca mais vivo
Transparecera em rosto de donzela
Vergonhoso pudor, agreste e rude (CATITA, 2019, p. 68-9)

Enquanto que em “Velho fragmento”: “Era alta e fina, senhoril e bela, Delicada e sutil. Nunca mais vivo/ Transparecera em rosto de donzela/ Vergonhoso pudor, agreste e rude, (...)”. Já no manuscrito “O Al-

mada” segue com mais variação o respectivo trecho em destaque: “É alta e fina, senhoril e bella./ Olhos, tem n’os da côr incerta e vaga/ Que não é puro azul nem alvo puro,/ Antes combinação de ambas as cores,/ Mas tão subtil no entanto, e tão perfeita,/ Que não ha decidir. Garçons lhes chamam,/ E se não mentem fabulas gentias,/ Minerva os tinha assim. Nunca mais claro vivo/ Transpareceu em rosto de donzella/ Vergonhoso pudor, agreste e rude.”¹⁰

4. Considerações finais

As impressões em uma página de papel passam a figurar para o leitor, muitas das vezes, que o texto ali representado só pode ser igual ao que seu autor almejou. Por isso, esta experiência com o texto, natural para um filólogo ou crítico textual deve tanto quanto possível ser ampliada ao público em geral, que não sejam estudiosos da área, a fim de conscientizar que o texto enquanto registro também testemunha as diferenças que o próprio tempo e técnicas lhe submetem ou lhes restituem.

Ao mesmo tempo que é importante que todo o conjunto metodológico aplicado a uma edição que se pretenda restituir a representação mais fidedigna ao texto autoral, possa auxiliar o leitor ou pesquisador refazer seu cominho, a fim de revisá-la se for o caso.

Para tanto, são observadas as seguintes fases de constituição de uma edição crítica: recenseamento, colação, estemática e a apresentação do texto e aparato crítico.

Sendo o aparato crítico, no qual são elencadas as variações identificadas de um texto através do exame de seus testemunhos no decurso do tempo. Observa-se que o aparato genético também pode ser entendido como crítico-genético, tendo em vista, como lembra Castro (2001), que o mesmo tem a função do aparato reconhecido como crítico para as edições que não contemplam as etapas iniciais de elaboração de um texto.

As formas de apresentação do aparato crítico se diferenciam entre si, para fazer caber da melhor forma possível a tradição do texto e por isso mesmo não se esgotam na amostragem citada que foram os trabalhos críticos e genéticos em relação às seguintes obras: “Memórias de um sargento de milícias”, de Manoel Antônio de Almeida; “Recordações do escrívão Isaías Caminha”, de Lima Barreto; “As três Marias”, de Rachel de

¹⁰ Vide a descrição diplomática completa em Catita (2019, p. 241).

Queiroz; “D. Casmurro”, “A linha reta e linha curva”/“As forcas caudinas”, o “O Almada”, de Machado de Assis. Entre os quais podemos verificar que foram empregados outros recursos de apresentação nas edições crítica e genéticas, como o fac-símile, por exemplo.

Além disso, foram citadas outras formas de testemunhar o percurso de um texto com o exemplo de “Objeto gritante” (estágio inicial de “Água viva”), de Clarice Lispector e os estudos críticos sobre os textos de Eulálio Motta.

Assim, com a intenção de arrolar alguns exemplos metodológicos acercada da representação das variações e/ou revisões aos textos literários brasileiros de tradição impressa que foi objeto de trabalhos críticos ou da crítica genética que deverão ser consultadas, já que ao recortar os exemplos e na tentativa de representá-los a fidelidade da apresentação pode ter sido comprometida, se não quanto ao conteúdo, certamente quanto à sua materialização na página.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. Contos fluminenses. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. (Edições críticas de obras de Machado de Assis, v. 1)

ABRANTES, Ana Cláudia. *Objeto gritante*: um manuscrito de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2016. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Objeto_Gritante/-8cOEAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=objeto+gritante&printsec=frontcover. Acesso em: 24 out. 2021.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção leitura e crítica)

CASTRO, Ivo. Metodologia do aparato genético. In: SIMÕES, M. *et al. Memórias dos afetos*. Lisboa: Colibri, 2001, p. 69-81 (texto repaginado de 1-9). Disponível em: http://clul.ulisboa.pt/files/ivo_castro/2001_aparato_gentico.pdf. Acesso em: mar. 2021.

CATITA, Flávia Barretto Corrêa. *Antes e depois de “O Almada”*: percurso editorial e transcrição diplomática do manuscrito do poema heróico-cômico de Machado de Assis. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. 575f. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/>

disponiveis/8/8149/tde-02032020-170124/ pt-br.php. Acesso em: 2020.

EULÁLIO MOTTA (*site* de estudos filológicos). Disponível em: <http://www.eulaliomotta.uefs.br/>. Acesso em: out. 2021.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de; FERREIRA, Ceila Maria (Org.). *Lima Barreto, caminhos de criação*: Recordações do escrivão Isaías Caminha. São Paulo: EDUSP, 2017.

MOREIRA, Ana Cláudia Abrantes. *Novas formas de escrita de Clarice Lispector*: o manuscrito *Objeto gritante* e a ficção tardia clariciana. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ. Rio de Janeiro: 2012. 129f. Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/6448/1/Dissertacao_Ana%20Claudia%20Abrantes%20Moreira.pdf. Acesso em: 24 out. 2021.

LARA, Cecília de. *Edição crítica de Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.

MENDES, Marlene Gomes. *Edição crítica em uma perspectiva genética de “As três Marias” de Rachel de Queiroz*. Niterói-RJ: EDUFF, 1998.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. *Linha reta e linha curva*: edição crítica genética de um conto de Machado de Assis. Campinas-SP: UNICAMP, 2003.

SILVA, Maximiano de Carvalho e. *O romance dom Casmurro de Machado de Assis*. Niterói: UFF, 2014. (Edição crítica e comentada, com estudos bibliográficos)